



1984 – 2666:

Derivações Psicanalíticas sobre a Tirania e o Mal¹

David Figueirôa²

IARPP Portugal, APPSI³

Figueirôa inspira-se nas obras literárias de George Orwell ("1984") e de Roberto Bolaño ("2666") e na teoria psicanalítica de Donald Meltzer sobre "Tiranía-e-Submissão", para olhar para os elementos tirânicos na sociedade actual, em particular, nos regimes de austeridade e pobreza impostos a várias nações e povos da Europa (outrora?) civilizada e democrática, e delinear uma relação entre a tirania e o mal.

Palavras-chave: Tirania, tirania-e-submissão, mal, conluio inconscientes, objecto fantástico, objecto fanático, contexto exterior.

Inspired by the literary works of George Orwell, "1984", and Roberto Bolaño, "2666", and by the psychoanalytical theory of Donald Meltzer on Tyranny and Submission, Figueirôa examines the tyrannical elements in modern society, in particular in the regimes of austerity and poverty imposed on nations and peoples of Europe (once?) civilized and democratic, and he points to a relationship between tyranny and evil.

Key words: Tyranny, tyranny-and-submission, evil, unconscious collusion, fantastic object, fanatic object, external context.

English Title: 1984 – 2666: Psychoanalytic Derivations on Tyranny and Evil.

Cita bibliográfica / Reference citation:

Figueirôa, D. (2014). 1984 – 2666: Derivações Psicanalíticas sobre a Tirania e o Mal. *Clínica e Investigación Relacional*, 8 (1): 115-124. [ISSN 1988-2939] [Recuperado de www.ceir.org.es]

I. George Orwell, 1984 e o Regime Tirânico

Em 1948 George Orwell escreveu “1984”, um romance satírico sobre a organização tirânica, e uma sua forma particular, a tirania do Estado.

Pelos olhos do protagonista, Winston Smith, vamos construindo o puzzle da opressão tirânica. Página a página, confrontamo-nos com a perfeita organização que nada deixa ao acaso, com o controlo absoluto sobre qualquer desvio à norma e à ideologia única. Confrontamo-nos, penosamente, com a dessubjectivação do sujeito e a sua elementar instrumentalização em favor do conjunto organizado.

Vemos como o sujeito deixa de ser quem é. Não só não pode pensar, o que constitui um crime constantemente vigiado pelo Big Brother, como perde o próprio passado, revisto e alterado pelo regime. A própria língua surge modificada, criou-se a novíngua, com o seu vocabulário estreito e empobrecido. E as pessoas, sem passado, sem língua, sem pátria e sem pensamento podem mesmo tornar-se “impessoas”, um conceito criado na nova língua para punir a pessoa que comete o crime de pensar.

Vemos bem, em Orwell, um regime de funcionamento de apropriação e usurpação do outro, uma anulação do sujeito subjectivo e de qualquer relação intersubjectiva. O sujeito assim esvaziado da sua subjectividade - e privado da do outro - é também um sujeito esvaziado de poder. Um sujeito sem poder para que o poder do regime se perpetue. Mas vemos, ainda, como o regime que não admite o pensamento, portanto, não admite pessoas, é um regime que não cria, que não transforma, que não cresce: empobrece e define.

Vemos também como se formam conluios inconscientes entre o regime tirânico e os cidadãos submissos. Nestes, a revolta é reprimida pela força do medo, e o próprio medo é recalcado pela força usurpadora, essa força onipotente, que cativa e submete. Uma força destas é tão ameaçadora, se a enfrentamos, como protectora, se nos submetemos. Pseudo-protectora, aliás, pois o sujeito, em troca, perde o próprio pensamento, a iniciativa e a identidade.

A manipulação e a mentira são as formas de relação predominantes na sociedade tirânica. Vemos, por exemplo, como os ministérios, símbolos máximos do poder e da verdade oficial, fazem o oposto do que representam. O Ministério da Paz faz a guerra, o Ministério da Riqueza gere a pobreza e a fome, o Ministério do Amor espia e controla, o Ministério da Verdade reescreve a história a mentir.

Em 1984, o próprio título é mentiroso. A simples troca de posição do 4 com o 8, enviava o leitor de então para um futuro longínquo, quando, afinal, a obra evoca o seu próprio tempo e passado recente, os regimes tirânicos predominantes em toda a Europa nos anos 30 e 40, e a

Guerra, com o Mal à solta. A sua mais óbvia inspiração foram os regimes nacional-socialista e comunista de Hitler e de Estaline. Mas a mestria com que Orwell capturou a essência do regime tirânico inspiram-nos ainda hoje, mesmo perante novas formas de organização e aparência social, a olhar e a reconhecer a emergência e a expansão de elementos tirânicos na sociedade actual.

Mas procuremos, agora, outro tipo de inspiração, a psicanalítica, para a compreensão da origem e dinâmicas dos fenómenos tirânicos. Encontramo-la em Donald Meltzer (1922-2004).

II. A “Tirania-e-Submissão” de Meltzer: um Clastrum-Bunker Contra o Terror

Donald Meltzer, psicanalista pós-kleiniano, publicou em 1968 um texto pioneiro na abordagem psicanalítica sobre “A Tirania”, onde considera a organização tirânica interna como uma defesa contra as angústias depressivas e contra o medo do terror inconsciente. A sua teoria evoluiu ao longo de vários anos e textos.

Meltzer situa a organização tirânica na mente a partir da abordagem do bebé à chamada “posição depressiva”, de Melanie Klein, portanto a partir do segundo semestre de vida. Face aos movimentos de integração do objecto e dos sentimentos em relação a ele (amor-ódio), que a partir deste momento tendem a coexistir no psiquismo do bebé, os estados de dependência em relação à mãe tornam-se angustiantes - afinal, a mãe cuidadora e boa e que o bebé ama é a mesma mãe que frustra e que se ausenta e que gera raiva no bebé. A exigente integração desta ambivalência gera uma angústia, chamada “depressiva”, que pode ser intolerável para o bebé. Então, o bebé utiliza a clivagem e a projecção das “partes más” do self no exterior, o que pode levar a que venha a ser invadido persecutoriamente. Uma das formas do registo paranóide é um ciúme extremo e possessivo, que exclui e prejudica o bebé. Formar-se-á, então, no bebé, uma exigência defensiva e tirânica em relação à mãe, exigência expressa no direito de obter uma recompensa e uma prova da sua fidelidade, como uma pré-condição para manter a confiança nela. O bebé exige e submete a mãe, tiranicamente.

Esta será, no fundo, a base relacional e psíquica das crianças “provocadoras”, que virão a tyrannizar os pais, a infernizar os adultos, a testar e a passar todos os limites, como o compreendem autores como Albert Ciccone (2003) ou Gilles Catoire (2003), não longe das crianças delinquentes de Donald Winnicott (ed. Claire Winnicott et al, 1984).

Meltzer vincula, pois, o surgimento do movimento tirânico à sobre-presença da inveja destrutiva e do ciúme edípiano extremo nesta precoce mas decisiva fase do desenvolvimento. A inveja e o ciúme inibem, nestes bebés, a aquisição de uma capacidade de reparação, necessária após os danos causados ao objecto, real ou fantasmaticamente, sendo esta

capacidade de reparação, como sabemos, na teoria kleiniana, uma aquisição da “posição depressiva” e o vértice central da integração pulsional e do desenvolvimento psíquico. Donald Winnicott chama de “círculo benigno” à sequência múltipla de movimentos pulsionais e reparadores, que caracteriza o desenvolvimento emocional, sustentado nos cuidados maternos continuados - e na presença paterna, com a sua função interditora e protectora da mãe. Na ruptura deste círculo, pode organizar-se, então, segundo Meltzer, um fechamento do psiquismo num “campo de concentração” interior, um cenário de ataques mutiladores contra os pais internos e contra os bebés no interior da mãe interna, ataques fantasmáticos movidos pela raiva narcísica. Meltzer designa este “objecto interno” como “claustrum”, um produto das dinâmicas de identificação projectiva maciça com a mãe, onde predomina uma atmosfera de terror, desespero e aprisionamento, camufladas pela tirania-e-submissão, com a sua onipotência perversa e a paralização da oposição. Com o tempo, a excitação ocupará o lugar da intimidade emocional inalcançável, a identidade-pseudo o lugar do verdadeiro self e a importância e a veneração da hierarquia social e institucional mascarará a perda das diferenças essenciais, sejam entre mãe e bebé, adultos e crianças, homens e mulheres.

No decurso do desenvolvimento, a necessidade de um objecto externo de quem depender e com quem organizar a experiência pode, portanto, ser tornada impraticável pela inveja – ou pela insuficiência do objecto. De qualquer forma, é na impraticabilidade do uso do objecto externo que se organiza a tirania.

Vimos como Meltzer concebe a origem do movimento tirânico, mas, afinal, como se organiza a tirania no interior do sujeito, e que dinâmicas configura?

A tirania deriva, fundamentalmente, na perspectiva de Meltzer, de um mundo interno clivado onde se estabelece uma relação de submissão às partes más do self, isto é, uma submissão-à-tirania no interior do self clivado. A clivagem característica da “posição esquizo-paranóide” (dominante no primeiro semestre de vida) não se dissipa e acentua-se face às dificuldades colocadas pelas exigências integrativas da “posição depressiva”. O self apresentará, então, uma área isolada e poderosa, onde se concentram as partes más, tirânicas, face às quais o restante self se relaciona aditiva e submissamente, reforçando assim o seu poder.

O poder e a onisciência da parte destrutiva do self oferecem um benefício importante para o sujeito na sua economia psíquica: uma ilusão de segurança que imana dessa força e poder destrutivo e indestrutível, daí a submissão. A parte má, tirânica, é também fonte de medo, mas maior é o medo face à perspectiva de perder a sua protecção contra o terror inconsciente, ou “terror-sem-nome”, como refere Wilfred Bion, uma angústia paranóide com origem na relação primária, um terror sem representação, mas iminente, derivado da falha da

função continente ou dos processos de “handling” e “holding” maternos (cuidar, susten), na linguagem de Winnicott.

Na relação interpessoal, o regime da “tirania e submissão” é caracterizado, fundamentalmente, pela destruição, pelo tirano, do objecto interno do escravo, para assumir o seu papel no interior do escravo. A “tirania e submissão” permite, através desta usurpação e apropriação do objecto-escravo, apaziguar as angústias persecutórias extremas que animam o tirano, projectando-as no seu escravo. Este processo é, no entanto, sentido como reversível, pelo que o tirano vive na crença contínua na rebelião do escravo. Estabelece-se uma espécie de espiral de paranóia e tirania, mutuamente reforçadas.

Mas como se fabrica um “escravo”? O tirano pode encontrar um por acaso, mas o mais comum é ter que o fabricar, e fá-lo, então, destruindo o objecto interno e as relações internas do outro, com vista a submetê-lo e a tomar o seu lugar e a função desse objecto. Esvazia-se assim a pessoa, a identidade do sujeito, uma pessoa feita “impessoa”, como diria Orwell. Vemos, portanto, como o registo da “tirania e submissão” emerge como um padrão intersubjectivo específico, onde se vem a processar uma des-subjectivação mútua: o sujeito tirano crê constituir-se como sujeito através da des-subjectivação do outro, mas ao fazê-lo ele próprio se coisifica. Há uma relação de perda mútua. Vemos, ainda, em Meltzer, como se estabelece uma ligação e um conluio inconsciente entre as partes tirânicas e submissas da mente e entre o tirano e o submisso. Esta ideia é convergente também com as de Hanna Arendt sobre a banalização do mal e a tese de que a tirania ganha campo com a submissão do outro, o outro que deixa de pensar e se rege pela obediência cega à ordem burocrática (1951).

Meltzer diz ainda que a tirania é, fundamentalmente, uma “perversão social”, que deriva de uma questão primitiva, relacionada com a sobrevivência psíquica face ao terror, iminente relacional, que se extrapola inconscientemente para a estrutura social. Existe, portanto uma história e um contexto psíquico/social, e dinâmicas inconscientes imanentes, que determinam o seu surgimento – e podem, portanto, ser compreendidas e clarificadas - e os psicanalistas têm aqui uma palavra a dizer.

Na clínica, só após o dismantelamento da organização narcísica e a possibilidade de, na relação analítica, organizar uma revolta contra a tirania e as partes más do self, será possível o progresso desenvolvimental, via “posição depressiva”. Para que a revolta ocorra, será fundamental a aliança com os objectos bons do self, contra o medo de perder a protecção ilusória que o tirano oferece contra o terror inconsciente.

III. Tirania e Submissão na Sociedade Actual: do “Objecto Fantástico” ao “Objecto Fanático”

Temos, portanto, em Orwell, uma literatura da tirania, com evidência da organização e da atmosfera social e, em Meltzer, uma psicanálise da tirania, com evidência da fantasmática latente e da atmosfera intrapsíquica e intersubjectiva características, ambas as abordagens sensivelmente próximas. Veja-se, em ambas, o terror, a opressão, o poder onipotente, a mentira e a falsidade, a usurpação do interior do outro e das suas relações, a des-subjectivação e a perda da identidade, a perda da alteridade e da alternativa, as alianças e os conluios inconscientes entre o tirano e o submisso, entre o poder absoluto e a perda da liberdade e da democracia, nos campos psíquico, relacional e social.

Qualquer semelhança deste “sistema tirânico” com a imposição ideológica e programática em curso na Europa da actualidade não será, infelizmente, mera coincidência. Encontramos expressivos elementos desse sistema, hoje, na nossa sociedade. Por exemplo:

1. A ideologia única ou o “pensamento único” imposta pelos poderes dominantes, com declarada ausência de alternativas (essa parece ser uma palavra de ordem mil vezes repetida e quase universalmente interiorizada, “Não há alternativa”). O pensamento é fechado num único ângulo de visão, anulam-se perspectivas outras, o pensamento torna-se absoluto e personificado (já ouvimos dizer: “Se eu falhar, é Portugal que falha”).

2. A ameaça difusa do terror: o colapso, o caos e a desorganização social, desde o possível colapso do sistema financeiro, às convulsões e crises sociais, ao empobrecimento e à miséria, ou mesmo à perda da pátria e da identidade (da realidade do “protectorado” e da perda da soberania à possível perda da independência) ou, ainda, no limite do imaginário actual, à guerra e, portanto, à morte. Tudo isto são ameaças omnipresentes no discurso oficial e no espaço público.

3. A mentira e a falsidade, coladas ao discurso oficial e aos objectivos traçados, “no programa do partido” ou “da troika”, evidentemente cheios de contradições e paradoxos, sem consistência interna nem coerência externa. Todos, aliás, sabem, que nenhuma meta se vai cumprir, mas cumpre-se o processo e o objectivo latente e não-declarado (ou mesmo parcialmente declarado: “Temos que empobrecer”, “temos que emigrar”, “temos que salvar o sistema financeiro”, etc). No país da “não inscrição” (José Gil, 2004), somos mais permeáveis à mentira. A pretensa verdade surge em ângulo fechado, concreto, óbvio e manipulador no discurso “oficial” (seja alemão, europeu ou nacional, que aliás se confundem), mas soçobrará a uma análise questionante, aberta, abrangente e subversiva – por isso esta não é aceitável...

4. A usurpação e o isolamento do outro, através da instalação de um regime de feroz austeridade e propaganda, que retira ao outro recursos materiais, ligações, pensamentos,

esperança e o coloca sob permanente ameaça, de poder deixar de ter o que tem e, no limite, de poder deixar de ser quem é.

5. O conluio inconsciente entre submisso e tirano, alimentado pela fantasia de “protecção” contra o caos. O tirano protege contra tudo aquilo de que ameaça. Uma expressão indirecta deste conluio é a da “ausência de alternativas”. Ela advém também deste processo inconsciente, no qual o tirano odiado protege contra o caos e o terror e onde a alternativa está vinculada inconscientemente à ameaça e ao medo (portanto, à perda da protecção), pelo que não se constitui verdadeiramente.

Vejam os ainda a tese do psicanalista David Tuckett (2011), sobre as origens da crise como fenómeno psíquico e social. Tuckett revela como as emoções humanas têm um impacto crítico nos mercados financeiros, o que tem escapado à razão das teorias económicas. O conceito central é o de “objecto fantástico”, que o autor associa à adesão (emocionante) a um cenário imaginário em que tudo é bom para todos. Veja-se o contexto pré-crise de 2008: lucros extraordinários para o sistema financeiro, ganhos exponenciais para os investidores-especuladores, crédito acessível para os consumidores (o dinheiro tornado fetiche da sociedade contemporânea, com o seu poder mágico para quem o detém ou deterá também magicamente). O entusiasmo e o reforço recíproco dos diferentes agentes favorecem um pensamento de grupo e clivado, com prejuízo do pensamento independente e realista. Quando a bolha rebentou, rebentou também a confiança que sustenta o sistema e gerou-se o pânico, o terror, que encontrou ramificações várias. E persiste. Talvez porque as respostas encontradas (em crescente tirânico, acrescentaríamos nós), não incorporem ainda um pensamento integrado sobre os diferentes papéis e níveis de responsabilidade e sobre as motivações e receios em jogo.

Aliás, as respostas vigentes parecem mais resultado de um pensamento ainda parcial e submetido ao poder do “objecto fantástico”, reconfigurado no que poderíamos designar por objecto fanático, que apresenta a retracção, a austeridade e a pobreza como solução mágica... Essa nova bolha, que poderíamos chamar de especulação da austeridade, também parece estar em vias de rebentar, com a evidência do agravamento dos problemas e a incapacidade de crescer.

Vemos, assim, como o “objecto fantástico”, próximo da ilusão narcísica e da onipotência mágica, funciona como um atractor adesivo e cria um abismo face à realidade, à ordem do possível, funcionando ele próprio como um objecto tirânico, como se revela quando se desmorona a ilusão. O seu esvaziamento (o rebentar da bolha) provoca um choque e uma vertigem sobre o abismo, que encontra protecção no sistema tirânico, que se reorganiza para

sobreviver à perda, à queda desamparada, ao colapso, ao caos, ao terror.

IV. Roberto Bolaño, 2666 e o Mal à solta. Do Mal à Tirania, da Tirania ao Mal

Roberto Bolaño, genial escritor chileno, foi autor da obra-prima “2666”. A evocação que fazemos aqui dessa obra é fundamentalmente simbólica, nem haveria tempo para o aprofundamento de um texto tão extenso (são mais de 1000 páginas) quanto complexo (o texto é, em boa medida, tão concreto e realista quanto enigmático e onírico, tão absurdamente violento quanto perscrutador de sentidos).

Também aqui, como em “1984”, o título é tão enganador quanto revelador. Engana ao “sugerir” uma data, também supostamente um longínquo ano, 2666, que não tem qualquer correspondência com o texto lido, vivido na actualidade. Quando lia o texto, em particular, as infundáveis cerca de trezentas páginas da “Parte dos Crimes”, feita com a cruel descrição de cadáveres de mulheres mortas, mulheres jovens, a maioria mulheres grávidas, deixados ao abandono, pensei então que tinha percebido o título: serão 2666 cadáveres de mulheres?, e pus-me a contá-los, um a um, empilhados nas páginas do livro e na minha triste imaginação... Afinal, não batia certo. Só depois de ler o livro percebi o óbvio: O título não é uma data, nem um número de uma contagem, é um símbolo. O símbolo do mal, afinal o símbolo da besta (666) - também designado símbolo do Homem - dentro do nosso milénio (2000). 2666 é o símbolo do Mal no Presente, o símbolo, aliás, do mal intemporal, do mal desde o início dos tempos, do mal passado, presente e futuro.

Só um padrão parece emergir deste mal: são mortas as mulheres geradoras de vida. Lembramo-nos da fantasia dos bebés de Donald Meltzer: o ataque sádico infantil à mãe e aos bebés no interior da mãe, fantasia aqui representada sob a forma de realidade ficcional. Embora reporte a acontecimentos reais na bem real Ciudad Juarez, no norte do México, onde foram *mesmo* assassinadas centenas de mulheres nos anos 90.

Bolaño capta a essência ou a origem do mal: o mal que ataca a mãe, os bebés da mãe: a criação, a vida.

Na última parte do livro, numa portentosa analepse, Bolaño leva-nos de volta às atrocidades das Guerras Mundiais, como que sugerindo uma ligação invisível entre os acontecimentos. Como se todo o Mal tivesse um fundamento comum e eclodisse em determinadas condições e contextos que o despertem. Lembramo-nos, a propósito, do conceito de “identificação radioactiva” de Yolanda Gampel (2003). Gampel sugere uma transmissão inconsciente e aleatória de elementos destrutivos de vivências de realidades de violência externa extrema. Estes elementos, que penetram no psiquismo, são resíduos e objectos psíquicos radioactivos, não representáveis, não elaboráveis, transmitidos de forma

inconsciente e imprevisível entre seres humanos, e que adquirem a forma de doença corporal, de turbulência emocional, de pulsão solta.

Nos livros “1984” e “2666” há uma diferença essencial entre o Mal evocado em cada um deles. Em “2666” estamos perante um mal desenfreado, como uma besta solta, um mal absurdo, ilógico, imprevisível, descontrolado, caótico. Um território “sem-lei”, onde tudo é possível. Em “1984” o mal é outro, é lógico, coerente, resulta do controlo, é estandardizado e estatístico. É incorporado na própria Lei, pelo Estado. O terror organiza a tirania, que organiza o mal. Entre o mal caótico e o mal organizado venha o diabo e escolha, mas talvez no primeiro exista ainda a esperança (quando ainda existe) de que uma organização o contenha (como a “esperança” dos meninos delinquentes de Winnicott), enquanto no mal “organizado” a própria Organização, o Estado, está pervertido e é cúmplice. A violência do Estado é dupla, pois reduz ou elimina a própria esperança num “organizador” ao ser o próprio agente organizador e protector a protagonizar o Terror.

O que aqui se pretende reflectir é sobre o potencial de violência inscrito no regime tirânico. Se o regime tirânico, quer na psicologia individual quer na organização social, é, como procurámos evidenciar, uma defesa perversa contra o terror, contra o caos, contra o mal, também, por isso mesmo, contém em si o gérmen, a radiação, a matriz do mal que procura controlar. Porque na organização tirânica, o mal não foi contido, transformado, elaborado, mas apenas controlado, projectado, clivado. Pelo que este mal entranhado no regime tirânico tenderá a ser “actuado” em crescendo pelo próprio regime tirânico (primeiro, subtilmente, depois, cada vez mais abertamente).

Este regime defensivo-violento tem de ser desmantelado, sob pena de organizar perversa e exponencialmente o mal - na mente individual e na relação afectiva, na relação analítica, na instituição hierárquica e na organização social.

Concluo, lembrando a Blitz, o bombardeamento nazi ao Reino Unido. Donald Winnicott participava, com os seus pares, numa reunião da British Psychoanalytic Association, debruçados sobre o artigo “Sobre a Neurose de Guerra”, quando se inicia mais um bombardeamento a Londres. A reunião prosseguiu, sem interrupção, ao som das bombas, deixadas *lá fora*. Até que Winnicott pede a palavra e diz: “Queria assinalar que está a ter lugar um ataque aéreo”.

Termino inspirado por Winnicott: Apuremos a nossa escuta... Podem nem todos ouvir as bombas, mas estamos a ser bombardeados.

David Figueirôa
 Lisboa, 30 de Novembro de 2013

REFERENCIAS

- Arendt, Hanna (1951). *As Origens do Totalitarismo*. Lisboa, Dom Quixote, 2006.
- Bolaño, Roberto (2004). 2666.
- Catoire, Gilles (2003). Études de la Provocation, in *Psychanalyse du Lyen Tyrannique* (Cicccone et al). Paris: Dunod.
- Cicccone, Albert (2003). Les Enfants qui “Poussent à Bout”, in *Psychanalyse du Lyen Tyrannique* (Cicccone et al). Paris: Dunod.
- Cicccone, Albert (2003). La “Tyranie-et-Soumission”: Apports de Donald Meltzer, in *Psychanalyse du Lyen Tyrannique* (Cicccone et al). Paris: Dunod.
- Gampel, Yolanda (2003). Violence Sociale, Lyen Tyrannique et Transmission Radioactive, in *Psychanalyse du Lyen Tyrannique* (Cicccone et al). Paris: Dunod.
- Gil, José (2004). *Portugal Hoje: O Medo de Existir*. Lisboa: Relógio d’Água.
- Meltzer, Donald (1968). La Tyrannie, in *Psychanalyse du Lyen Tyrannique* (Cicccone et al). Paris: Dunod, 2003.
- Orwell, George (1949). 1984.
- Tuckett, David (2011). *Minding the Markets*. UK: Palgrave Macmillan.
- Winnicott, Donald (1984). *Deprivation and Delinquency* (ed. Clare Winnicott, Ray Shepherd, Madeleine Davis). London, New York: Tavistock Publications in association with Methuen.

Original recibido con fecha: 10-2-2014 Revisado: 20-2-2014 Aceptado para publicación: 28-2-2014

NOTAS

¹ Comunicação realizada no Colóquio “A Violência e o Mal”, APPSI e IARPP Portugal, Lisboa, 30 de Novembro de 2013.

² Psicoterapeuta psicanalítico, com consultório particular em Lisboa e Cascais e clínica social da APPSI. Membro associado e da Direcção da APPSI, membro fundador e da Direcção da IARPP Portugal. Fez parte da Direcção nacional do Programa EQUAL, dedicado à inovação social. Foi, em 2013, assistente do seminário “A Obra de Freud” da formação na APPSI;

³IARPP Portugal – The International Association for Relational Psychoanalysis and Psychotherapy, Portuguese Chapter; APPSI – Associação Portuguesa de Psicoterapia Psicanalítica.